

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º à entrega	18.º Anno — XVIII Volume — N.º 604	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Pego Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
	86 n.º	18 n.º	9 n.º			
Portugal (franco de porte, m. forte)	33800	18900	8950	5120	5 DE OUTUBRO DE 1895	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsave Cactano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	48000	28000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	58000	28500	—	—		



## CHRONICA OCCIDENTAL

Chegou outubro. Abriam os collegios. Começaram os exames, os terriveis exames de outubro, a derradeira esperança.

Andam magros os rapazes, inquietos os paes.

Outubro! O mez tem um feitiço triste com aquelle *O* por que principia, aquelle *O* por que termina. Dois zeros. O som é soturno com aquelle *U* dominante. Aquelle *B* e aquelle *R* juntos fazem frio. Br. .! Outubro!

As crianças teem sonhos inquietos, os paes teem pesadêlos. Outubro, a ultima esperança! E até alta noite está no quarto o candeeiro acceso sobre as formulas da algebra, os enigmas da philosophia, os commentarios da litteratura, os accusativos em *im: Amussis, Burris, Cannabis*...

E o pobre rapaz já em embrulha tudo. *Amussis, Burris, Cannabis, Gaitis, Chumbis, Rapisis*...

Uns costumam-se, outros nunca.

D'um sei eu que só em mineralogia sahio reprovado desanove vezes. Tinha trinta e nove annos e estava envelhecido, calvo, tremulo, desdentado. Deram-lhe um dia um pedaço de sal marinho para elle examinar. Ajudavam-o, davam-lhe clarões.

—Uma coisa de que o sr. faz uso todos os dias. E elle muito contente, logo:

—Já sei. E' absintbo.

Outros, coitados, são acanhados, réos convictos. O examinador *pa rece-lhes* o delegado do ministerio publico. No instante de abrirem a bocca para responder á primeira pergunta, fogem-lhes as idéas, uma confusão medonha apodera-se-lhes dos cerebros, respiram difficilmente, turva-se-lhes a vista, carrilhões de campainhas pequeninas zunem-lhes nos ouvidos e n'aquelle atordoamento nada ouvem, nada entendem. Dão respostas como estas:

—O que é um barometro?

—E' por causa do zero.

Outros, ainda, vão todos confiados no sangue frio e na cabula. Um exemplo:

—Demonstre-me a elasticidade do marfim.

Tosse com ar superior e dá uma joelhada no visinho. Este faz de ponto; conforme pôde vai-lhe soprando baixinho. O outro ás vezes ouve, outras não.

—Então? Vamos.

Joelhada.

—Besunta se uma placa de marmore com um pouco de azeite.

—Basta *unta-se*. E depois?

Bons gestos. Sangue frio. Confiança de que ha de chegar ao fim sem maiores barrancos.

—Deixa-se cahir d'alto a bola.

O examinador, percebendo a marosca e não tirando os olhos do ponto, que se assôa para disfarçar:

—E depois?

—E depois... está visto.

—Está visto o quê? O que acontece á bola?

—Fica azeitada, a bola não salta.

Por onde se prova a elasticidade do marfim.

Abriam os collegios. Acabaram as ferias. Deus as ajude, pobres creancinhas.

Foram-se. Como a ca-a ficou triste sem ellas! Nem a gente sabe se amanhã ao sol nascente abri-

rão as campainhas da trepadeira, se os pardaes virão para o telhado chilrear alegres. Manhã sem luz, sem alegria! Um silencio lugubre em toda a casa!

E enquanto ellas enxugam sobre os livros de pesada sciencia as ultimas lagrimas d'uma saudade, enquanto o seu pensamento vem ter com o nosso que as chama, chega-lhes lá, ao cantinho da prisão, o ecco das alegrias cá de fóra, das festas em que andamos, alegrias, festas, que o são sobretudo para quem n'ellas não anda, para quem as imagina, pobres passarinhos engaiolados, que tanto desejariam o impossivel, voar até ao sol!

Mas, se o tedio é companheiro inseparavel de todos os que sequiosos procuram uma distracção

para o espirito acabrunhado n'uma paz idiota, e que levam para toda a parte o mesmo sorriso alvar e complacente, de boa sociedade, que se trate do Tannhauser ou d'uma contradança, d'uma exposição ou d'um bazar, outros, anciosos, esperam, como um refugio onde hão de aconchegar, as almas doloridas, suavemente, essas extraordinarias manifestações d'arte, que, este anno ainda, nos vai ser dado applaudir.

Sabiamos já do Novelli; annuncia-se agora a Sarah Bernhardt.

Esta é já conhecida entre nós, é a rainha da scena; é universal a fama da sua voz d'oiro. Todos lhe conhecem a historia, os caprichos, as excentricidades. Todos sabem de que prodigioso



DR. SEBASTIÃO DE MAGALHÃES LIMA

(copia de uma photographia do sr. A. Bobone)

talento Deus dotou aquella cabecinha loira e gentil. E' celebre tambem a sua magreza.

— N'isto chega uma carruagem sem ninguem. E quem se ha de apeiar? Sarah Bernhardt.

E' a grande tragica moderna. Tem hoje perto ou mais de cincoenta annos e é rainha por ora.

Novelli ainda está no Porto, cujos jornaes constantemente veem cheios dos mais entusiasticos elogios ao seu enorme talento. Consta-nos que se estreará em Lisboa com o *Luis XI* de Casimiro Delavigne, seguindo-se immediatamente *Os espectros* de Ibsen e uma das peças de Shakespeare que fazem parte do numeroso repertorio do celebre artista italiano, um dos mais notaveis actores modernos. E' pasmosa a facilidade com que elle abarca os generos mais diferentes, representando hoje o *Othello* ou a *Morte Civil*, amanhã *Schylock* ou a *Madrinha de Charley*, a tragedia, o drama, a comedia, a farça.

Bom é assim trazer uma ou outra boa nova n'este principio de inverno que Noherlesoom, o saragoçano, annuncia feroz e descabellado. Tudo são baixas pressões, regimens cyclonicos, chuvas tempestuosas, grandes borrascas.

E porque esse homem possui dados para outros misteriosos ou pode do que é dado a todos tirar conclusões que outros não sabem, como aos antigos bruxos da idade media, ha quem lhe tenha pavor, odio, em vez de reconhecimento pela sciencia, gratidão pelo aviso.

Houve terra, não sei onde, em que pelos ultimos temporaes que deram cabo das vinhas, trovoadas, chuvas preditas pelo sabio hespanhol, o povo sahio para a rua dando morras ao saragoçano. Bemditas almas!

Não é ainda intelizmente por toda a parte que os que trabalham para o bem de todos podem esperar o pago que lhes é devido. Saber reconhecer o merito é prova d'uma civilização adeantadíssima.

Bem haja por isso a França que tão bem soube glorificar em vida o santissimo thaumaturgo que se chamou Pasteur e foi n'este seculo um dos maiores amigos dos homens. Trabalhou durante mais de cincoenta annos, mas teve a recompensa dos seus esforços, das suas lutas, das suas conquistas immortaes! Que vida a d'esse homem desde humilde preparador de chimica na Escola Normal em 1846 até sabio descobridor da cura da hydrophobia!

O que lhe devemos ninguem o pode avaliar por enquanto. Se de uma simples analyse feita por Lavoisier á pellicula vermelha que lhe appareceu sobre o mercurio, resultou toda a chimica moderna, quem sabe quantos problemas virão a resolver um dia os estudos bacteriologicos, a grande gloria do sabio francez? É enorme o bem que lhe devemos, é nada talvez se o compararmos ao bem que tem de ser.

Como deve ser deliciosa a hora da morte para uma consciencia d'aquellas! Foi util aos seus, provou que os amava. O nome glorioso foi aclamado n'um só dia, pelo mundo inteiro, n'um só grito de expansiva gratidão!

Eis uma vaga difficil de preencher na Academia Franceza. Quem será o immortal que ha de sentar-se na cadeira d'esse immortal?

Immortalidade! Não é uma coisa relativa. E porque aos academicos lhes chamam immortaes... Immortalidade no pó dos archivos.

E por essa vaidosa alcunha quantas luctas mesquinhas, quantas miserias, quanta consciencia vendida, quanto pasto a invejas e a vaidades!

Se o mundo tem de ser assim! Se a gralha ha de sempre enfeitar-se com as pennas do pavão, se os photographos amadores não de ter os habitos dos artistas, se os criticos se não de julgar uns genios, se as feias não de ser coquettes, se os generaes não de pintar os bigodes!

Dulcissima illusão com que um parvo quer voar para a immortalidade!... Academico!

E no riso de troça com que a gente acolhe os Commentarios sobre Marco Aurelio do *Immortel* de Daudet, ha, no mesmo tempo, o que quer que seja de doloroso.

Não, a humanidade não vale o trabalho de Pasteur, que tão superior lhe foi.

E o lugar ha de ser um só e a turhamulta dos insignificantes ha de atrair-se a elle, sem pudor, sem reserva, não recuando deante das baixezas, das intrigas, do empenho da favorita, de toda a casta de hypocrisia manhosa, de vilieza sabida, conhecida, de mollas gastas, mas ainda de valor.

Tal qual como por cá, para um lugar de amnuense.

João da Camara.

## MAGALHÃES LIMA

Conheço o desde 1878. Ha bons desassete annos, em um segundo andar da rua dos Retrozeiros, uma casa de hospedes onde se hospedava Guilherme de Azevedo, que eu visitava ameudadas vezes, fui por este apresentado a Magalhães Lima, que occupava um quarto contiguo ao do Guilherme, e desde essa occasião ficámos amigos, como não podia deixar de ser, porque poucos homens tenho conhecido mais sympathicos, transluzindo-lhe na frente a bondade nata do coração e a animação viva de um espirito exaltado e intelligente.

Naquelle tempo tudo eram planos, projectos; comentava-se o comicio da vespera, preparavam-se os discursos para o do dia seguinte, e emquanto á mesa do almoço, em que muitas vezes foi surprehender os dois, Magalhães Lima e Guilherme de Azevedo, se discutia acaloradamente as questões do dia antecedente, desde o artigo de fundo do sr. Marianno de Carvalho até a Ristori que exhibia a sua decadencia em S. Carlos, eu observava com alegria a expansão e entusiasmo com que Magalhães Lima expendia as suas idéas avancadas, cheio de convicção, que contrastava singularmente com o sorriso sarcastico de Guilherme de Azevedo, difficil de se deixar levar na mesma onda de entusiasmos em que nadava o seu companheiro de hospedagem.

Eu era simples espectador d'aquellas discussões, especialmente no que tocava a politica, e quando muito, apenas entrava na discussão como calmanete, com algum dito que atalhava a questão, provocando replicaes e terminando todo em boa e franca gargalhada.

Então tinha eu occasião de apreciar quanto valia a uelle orador trovejante, que se aquecia e parecia enflamar em odios, ou meio das discussões e que afinal serenava em risonha bonança, de um ceu tão azul como os seus olhos, a dizerem-nos toda a bondade que lhe vai lá dentro, na alma e no coração, sem sombra de rancor ou de vingança.

Magalhães Lima tinha então os seus vinte e sete annos e aquelle vigor que ainda o não abandonou nas grandes luctas da imprensa e das assembleas populares. Continuava em Lisboa a sua propaganda democratica, iniciada em Coimbra, onde, ainda nos bancos da Universidade, que elle frequentou com rara distincção, redigia a *Republica Portuguesa* com Alves da Veiga, Abreu de Moraes e outros, destacando-se de todos pelo desassombro das suas idéas e arrojo da sua palavra arrebatadora, de um peninsular que tivera a doirar-lhe o berço o Sol abrazador da America e que viera desabrochar a infancia sob este ceu morno e luminoso de Portugal.

Era aquelle o orador que devia cumprimentar Castellar, em nome da academia, quando, em 1874, o grande tribuno peninsular visitou Coimbra; era aquelle o jornalista que annos depois havia de fundar o jornal de maior propaganda democratica em Portugal.

Os planos de Magalhães Lima haviam de chegar á execução; o advogado havia de ceder o logar ao jornalista; o tribuno dos comicios populares havia de ser tambem o luctador vigoroso da pena, e o que fundara o *Districto d'Aveiro*, o redactor do *Diario da Tarde*, onde combateu vigorosamente o ultramontanismo, o collaborador da *Democracia*, do *Mosaico* e do *Jornal de Lisboa* onde escreveu ao lado de Silva Pinto, de Luciano Cordeiro, de Gomes Leal e de Guilherme de Azevedo, o auctor do *Espectro de Juvenal*, da *Actualidade*, de *Padres e reis*, e de *O Papa perante o seculo*, fundava em 1879 o *Commercio de Portugal*, jornal de grandes dimensões e que se destacava fortemente pelas suas idéas democraticas.

A orientação politica do *Commercio de Portugal* tinha, porém, de ser mais conservadora, e d'ahi nasceram divergencias na redacção, que levaram Magalhães Lima a apartar-se d'aquelle jornal e a tratar de fundar uma nova folha onde pudesse livremente fazer a sua propaganda democratica, e combater pelo seu ideal politico, com todo o vigor das suas convicções.

E assim nasceu o *Seculo*, onde ao lado de Magalhães Lima, vieram combater, Alexandre da Conceição, Manuel d'Arriaga Augusto Rocha, Theophilo Braga, Gomes Leal, Teixeira de Queiroz, Leão de Oliveira, uma phalange avancada de novos, de que Magalhães Lima era, talvez o mais moço, mas nem por isso o menos denodado e prestigioso.

A fundação do *Seculo* devia ser a sua grande gloria, e se a lucta que travou foi das mais rijas que temos observado no jornalismo portuguez, foi tambem das que tem sido coroadas de melhores resultados.

O *Seculo* permittiu a Magalhães Lima a sua grande popularidade. Os acontecimentos de 1881

pozeram-no mais em evidencia, pela parte que o seu jornal tomou na questão de Lourenço Marques, e parece-me ainda vel-o nos comicios que se realisaram, discursando em publico, elle com a fronte illuminada e os seus louros cabellos amellados expostos aos raios do sol primaveral, arrebatando o auditorio em entusiasticos applausos, com a fluencia da sua palavra quente e sonora de verdadeiro tribuno popular.

Magalhães Lima estava então no seu elemento, como ainda hoje sempre que as circunstancias a isso o impelem.

Ainda nas ultimas eleições que se realisaram em Lisboa, o ouvi trovejar violento e intransigente contra mim, porque presidindo eu a uma assemblea eleitoral, não mandava prender um effector sobre o qual havia a suspeita de ter votado em outra assemblea, o que só depois se verificou.

E Magalhães Lima, que assim reclamava todo o rigor da lei contra o pobre eleitor, seria o primeiro a soccorrer o desgraçado se elle carecesse da sua protecção.

E' proprio dos grandes caracteres esta generosidade d'alma, e é por isto que Magalhães Lima tem as sympathias de todos e a amisade de muitos ainda d'aquelles que militam em campos oppostos da politica.

Não podia deixar de ser assim o autor de *O Socialismo na Europa* da *Federação Iberica*, de *O Primeiro de Maio*, e de *O Livro da Paz*, a sua ultima obra.

Este livro, principalmente é o que lhe sahio mais de molde, em que Magalhães Lima mostra o seu enthusiasmo pelo bom velho Charles Lemonnier, o grande propagandista e evangelizador da paz e da união dos povos.

Feliz quando se deixa influenciar por estas doutrinas, o amor da humanidade não lhe obscurece o amor da sua patria, e assim o vemos em toda a parte pugnar pelo seu paiz como ainda ha bem pouco, no Congresso Internacional da Imprensa, reunido em Bordeus, onde Magalhães Lima representou levantadamente a imprensa portugueza e ao encerrar-se o conaresso pronunciou um caloroso e vehemente discurso, convidando toda a imprensa para um congresso em Lisboa, em 1897, por occasião do centenario da descoberta da India.

E que mais poderei dizer, n'estas breves linhas que não aspiram a uma biographia de quem tem tanto ainda a fazer, na força de vida em que se encontra?

Que a boa amisade de Magalhães Lima me releve as incorrecções d'este esboço; tio mal delineado, para dar idéa de uma tão distincta individualidade.

Castano Alberto.



## AS NOSSAS GRAVURAS

### REGATA DO REAL CLUB NAVAL

No meio de uma verdadeira samsaboria e desanimação completa, realisou-se do domingo 15 do mez passado a regata official do *Real Club Naval*.

No emtanto o dia prestava-se a uma diversão mais animadora; o vento fresco bom para os *yachts*, o mar levemente picado magnifico para as gaigas, e sobretudo um ceu azul purissimo. Essa desanimação proveiu simplesmente da pouca variedade de competidores e o facto das embarcações serem todas do mesmo club, pois que por mesquinha e mal entendida rivalidade entre os nossos *clubs* quando concorre um ou organisa uma regata não por bem os socios dos outros de não apparecerem.

Imagine-se que em tres corridas a fio se bateram sempre os mesmos dois escaleres: *Trjo* e *Douro*!

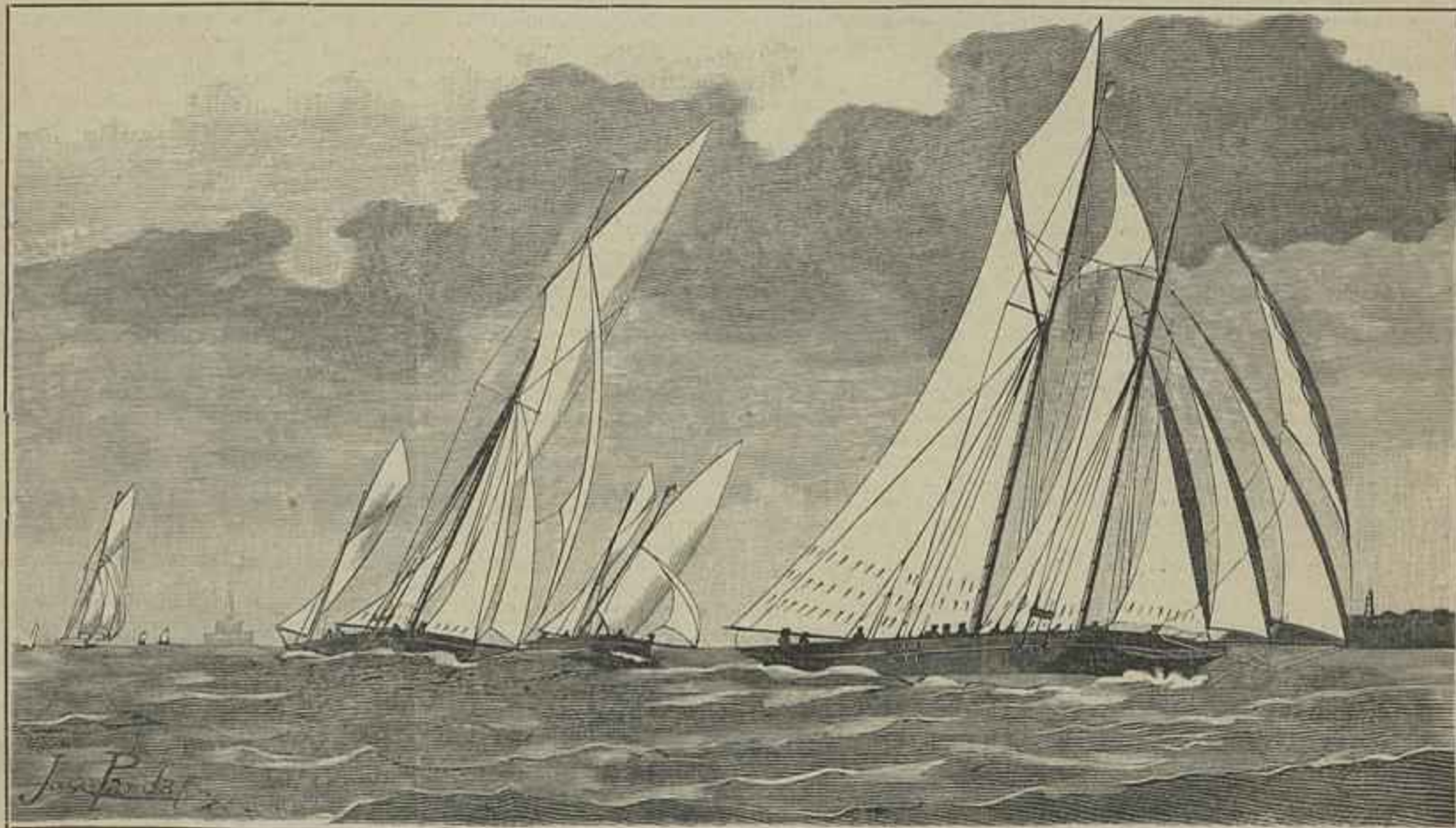
D'aqui resulta que este lindissimo e util genero de *sport* acaba por não dar mostas de si, o que é muito preferivel a regatas sem competidores.

E' com tristeza que lamentamos taes dissensões e esperamos que se não repitam fazendo com que acabe o mais apropriado genero de divertimentos portuguezes, quando temos um rio delicioso, bahias formosissimas como não possui melhor nenhum povo da Europa.

Ahi vai o resultado da regata, á qual assistiram bastantes pessoas de terra e no mar, sendo os convidados e imprensa a bordo do vapor *Victoria*, e S. M. El-rei e seus ajudantes srs. Roberto Iver e



## REGATA DO REAL CLUB NAVAL



•ALICE•  
DO SR. A. M. RIBEIRO

•ELSIE•  
DO SR. H. SAUVINET

•MINA•  
DO SR. H. F. MOSER

•LIA•  
DE EL-REI D. CARLOS

que mais nos desconsolava. Tudo lhes relevaria-nos de bom grado, se acaso tivessem logrado inspirar nos alguma confiança. Os soldados, diga-se a verdade, eram homens as direitas, bastava porém pôr os olhos em qualquer official, para desde logo se conhecer que seria de todo o ponto incapaz de os levar a campo. Nem tinham aspecto marcial, nem sequer maneiras de gente limpa; e era coisa difficil, em presença da sordida apparencia e ar ordinario — e muito em especial na infantaria — adivinhar a qual das classes sociaes os teriam ido desencantar. E onde haverá soldados que cumpram com o seu dever, quando aquelles que os commandam nem lhes ministram o devido exemplo, nem sequer se dão ao respeito. E eis ahí está o motivo porque, partindo d'este principio, desde que a elles nos reunimos em Oropesa, viemos logo futurando tão mau resultado, com relação ás tropas hespanholas. Porém ainda por cima da geral insufficiencia, tanto o espirito marcial, como a força moral das tropas antolhavam-se-nos, agora, bem diversos do que esperavamos.

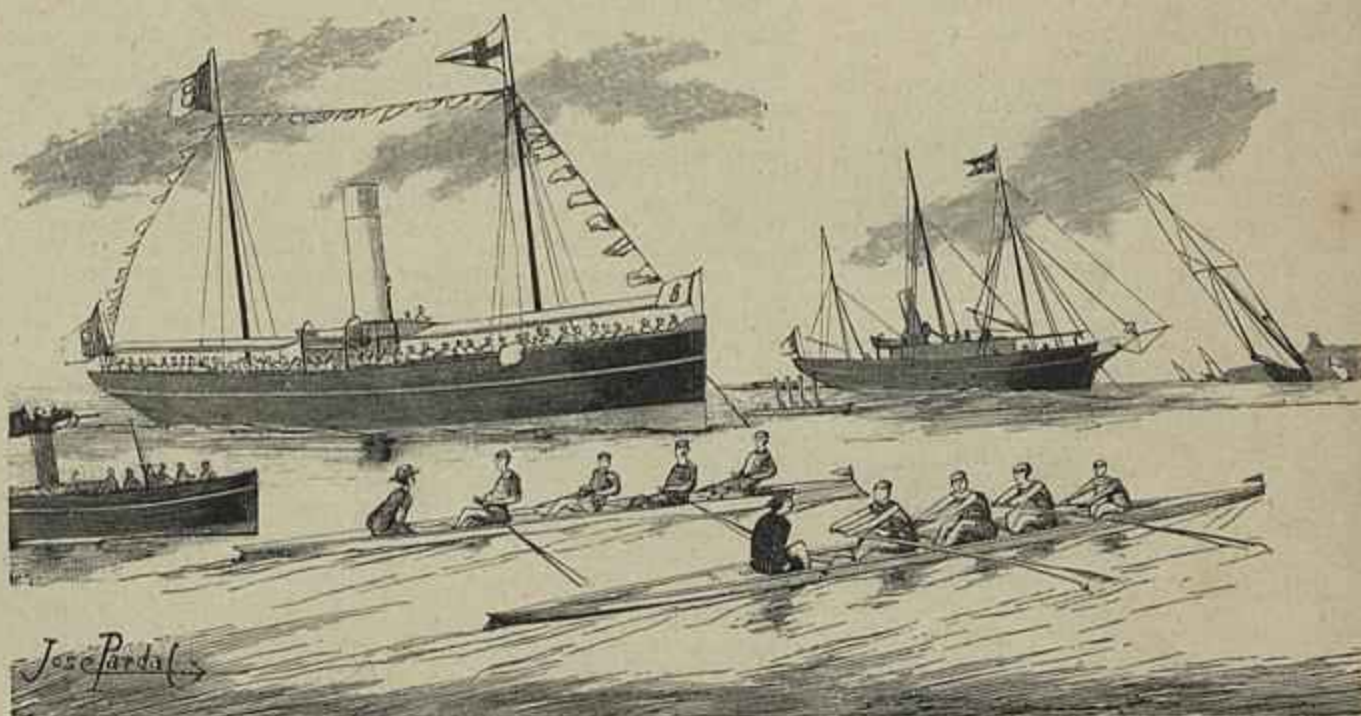
Effectuara-se, no decurso dos ultimos dois annos, consideravel mudança nos sentimentos da nação. Os brios e a explosão de bellico entusiasmo foram obra de momento; alimentados apenas pelos acasos da victoria, cahiram logo aos primeiros revezes da sorte. O exercito, em vez de patentear dedicação pela causa nacio-

nal, ou sequer ao menos animo viril, antes pelo contrario, mais de uma vez deu provas, já individuaes, já collectivas, da mais ignominiosa cobardia!

A incapacidade dos officiaes era extensiva ao estado maior; e a todo o momento deploravamos que a Revolução não tivesse abalado mais profundamente o paiz, e trazido a superficie camadas novas, talentos juvenis e vigorosos, provenientes de todas as classes sociaes. A prova de quanto era justa esta nossa opinião viu-se na inaptidão para o commando, que quasi toda a offi-

cialidade das tropas regulares veio successivamente revelando.

Em boa verdade, se exceptuarmos alguns officiaes que, com a pratica, nas guerrilhas se foram amestrando, gente, aliás, quasi toda, que para pegar em armas, largara a enxada ou a rabiça do arado, bem difficil seria apontar, durante todo o tempo que durou a campanha, um unico official cuja opinião, já na respectiva especialidade, ou ainda nos casos mais triviaes da vida militar valesse a pena consultar.



CORRIDA DAS GUIGAS •LIZ• E •RIGI•

Desenhos do sr. José Pardal

A's Côrtes, que, em nome de Fernando VII assumiram as redeas do governo, e continuaram a adoptar o antigo systema, devemos, em grande parte, attribuir o insuccesso dos hespanhoes. Aos brilhantes generaes da nova França, homens todos elles sabidos das fileiras, ricos em mocidade e energia popular, e tendo ao seu dispôr os mais recentes aperçoamentos da arte de combater, apenas podiam oppôr generaes caducos e ronceiros, eivados de toda a casta de preconceitos, commandando exercitos organisados segundo velhas usanças rotineiras, e aos quaes um governo decrepito e retrogrado tolheria aliás, qualquer tentativa de innovação ou ainda o minimo melhoramento.

Contribuiam a aggravar taes circumstancias, o cego orgulho e a vaidade jactanciosa, mediante os quaes se julgavam ainda á altura de seus avoens-

to militar, durante periodo que tão brilhante veiu a ser para seus alliados, assim portuguezes como inglezes, apenas nasceu o desprezo de ambos.

(Continúa)

Spectator.

## OS MANUSCRIPTOS ILLUMINADOS

(Continuado do n.º 403)

XIX

MANUSCRIPTOS ILLUMINADOS EM POSSE  
DE PARTICULARES

A ninguem seria possivel dar uma relação completa das muitas preciosidades que, n'este genero,

n.º 384, nos referimos a esse livro. Eis uma rapida descripção d'elle:

**Livro de Horas**, em latim, formato oitavo em finissimo pergaminho, obra dos principios do seculo XVI e talvez portugueza. As illuminuras, especialmente as do calendario representam diversas scenas da vida rural e n'essas copias do natural reconhece-se que os objectos representados são evidentemente portuguezes.

A primeira pagina do gracioso manuscrito, tem um disco de ouro illuminado no qual se vê o Creador governando um carro de guerra tirado a dois cavallos. Inferiormente lê-se a seguinte instrucção, escripta em portuguez:

«Saberes que em este anno de 1517 anda o ar numero 8 XVII começando na primeira casa depois da cruz & dahi anda cada anno em hua casa ate que chega a XIX. & tornares outra vez a



DUAS VEZES SOMOS CRIANÇAS — QUADRO DE V. BARTONEK

gos; d'esses heroes cuja fama a tradição e a historia perpetuaram, e que tanto se esforçaram em engrandecer o nome da nação que lhes foi berço.

Nem as mais flagrantes provas da propria interioridade conseguiram desvendar lhes os olhos. Sem a minima prudencia ou reflexão, apoz um erro grave, ou um desaire, cahiam logo em outro maior. Foram, para elles, sempre baldados, conselhos da experiencia, e suppunham descer da baloia dignidade consultando, ou acceitando alvitres dos unicos que, com seu ensino, eram capazes de os erguer á altura do que outr'ora tinham sido.

Se acaso houvessem consentido em pôr á nossa disposição os seus exercitos, e confiado o commando á actividade e intelligencia de officiaes britannicos, as suas tropas regulares teriam compartilhado a fama e a gloria que combateram aos seus guerrilheiros e aos briosos portuguezes, na defeza da Peninsula; emquanto que, pelo contrario, se exceptuarmos a guerra de cidades, e a defeza das cidades e praças, o seu comportamen-

guardam religiosamente muitas familias nobres ou ricas. Todos os velhos fidalgos tem os seus pergaminhos illuminados. A sua carta de brazão passada pelo respectivo rei d'armas é documento de apreço inestimavel, que só verdadeiros eleitos podem contemplar. Sem largos conhecimentos entre os possuidores de manuscritos illuminados não é facil obter permissão para os admirarmos e estudar. D'ahi a grande deficiencia que apresenta este capitulo que deveria ser talvez um dos mais importantes.

Na exposiçáo de arte sacra-ornamental, realisada em junho d'este anno, appareceu nos, na sala de El-rei, um lindissimo manuscrito de que só tinhamos mera noticia. A razão de o não termos citado quando fallamos da bibliotheca da Ajuda é o guardar-se o precioso codice no thesouro particular de Sua Magestade. Todavia, já em nota do

contar I. II. III té chegar a XIX. e nam tem mais cõ conta».

Ha, ainda, outras indicações curiosas. Das suas cincoenta e oito paginas illuminadas devem mencionar-se em especial o quadro da *Deus in adiutorium meum intende* que representa a adoração dos reis magos. As tarjas d'esta pagina são decoradas com diversas moedas de ouro e prata; quas com as armas de Leão de Castella e dois portuguezes de D. João III, moeda esta que nos deixa estabelecer a chronologia da factura do livro, pois, que indica o anno de 1538 em que foram cunhadas.

No principio das *Horas*, em moldura o Evangelho de S. João uma vista cheia de minucias, dos antigos pacos da Ribeira e da Ribeira das náos.

A mais formosa de todas as estampas é decerto a da pagina *Incipit officium sanctae crucis* mostra o calvario e a triste scena rescende um profundo sentimento de dôr. Emquadra inferior e lateralmente esta suave composição uma tarja em an-



Pois é ali mesmo; e n'essa pequenina capella dedicada ao nosso patricio, ao padroeiro dos meninos e das donzellas, pintou o immortal Goya o franciscano pregando a uma turba immensa de gente, como Francisco Vieira Lusitano o pintara em S. Roque pregando a um cardume de saveis, pescadinhas, robalos e carapaus.

Continuemos agora de pausa, meditadamente, a nossa vista piedosa e artistica á velha cathedral de Lisboa.

Eis-nos (junto á pia baptismal) em frente do quadro enorme que representa S. Christovam, na parede ao lado esquerdo de quem entra o portão principal. O auctor é Antonio Machado Sapeiro, pintor dos seculos XVII e XVIII.

Temos uma composição vasta, muito repintada, e pessimamente collocada; bem podia passar sem menção: O S. Christovam mal se vê; figura grotesca desenhada de côr, acurva-se toda, e vê-se condemnada a nunca se pôr em pé, com medo de arrambar a moldura. Pouco vale. O meu julgamento ainda vale menos; mas Volkmar Machado, que de pintura entendia alguma coisa mais do que eu, chama sem rebuço a este quadro muito mau.

Eis-nos agora junto da capella chamada de Bartholomeu Joannes.

Preciosa coisa! bem merecia seria attenção da parte dos nossos governos. Se Bartholomeu Joannes dispozesse de seis votos, e tratasse de eleições, estava salvo.

Arruinada e mal tratada como está, é ainda hoje a capella de Bartholomeu Joannes uma joia. Quem a examina de fóra reconhece a logo, pois desdiz do resto dos paredões, com a sua affirmação ogival pronunciadíssima.

Para a nave do templo tem a capella uma larga porta ogival muito boa. A' esquerda de quem entra, vê-se o tumulo do fundador. É um grande arco de pedra com tres brazões na face de fóra, um nos pés, outro á cabeceira; os da frente entre dois motivos repetidos de folhagens ornamentaes. Os escudos trazem uma banda entre seis flores de liz, tres a cada parte.

Sobre a tampa da arca descança a figura de Bartholomeu Joannes, em habitos longos, como os usavam as classes elevadas no seu tempo, e envolto n'uma capa admiravelmente panejada. A capa tem no hombro esquerdo uma borla; e ao irregaçar se deixa em baixo, junto aos pés da figura, apparecer uma bolsa pendente.

As mãos, quasi todas mutiladas, só conservam o dedos polegares. Sobre o corpo assenta a espada do defuncto; tem o punho quebrado; apenas se lhe percebe o botão extremo dos corpos.

A cabeça é nobre, e cheia de physionomia; cabello comprido para traz das orelhas; barba anelada. Lembra o que quer que seja do Nazareno. Assenta sobre duas almofadas.

Nos pés botas sem salto, e ponteagudas. As esporas ou puas, são de corcã, mas estão desatadas, para deixar assentar o calcanhar.

Eis ali a fiel descripção d'esta notavel peça esculptural, precisa por tudo, até mesmo pela raridade do genero.

Em letras relevadas em volta da tampa lê-se este epitaphio:

Na face da cabeceira:

AQUI : IAZ BERTO

Na face lateral :

IAMEU : IOANES CIDADAAO Q FOI : D :  
LIXBOA : A : Q : DS : PDOE : P...  
SOU : XXX : DIAS : DE NOVE.....

Na face dos pés :

.... CCC : LXII : ANOS : †

Interpretação :

Aqui jaz Bartholomeu Joannes cidadão que foi de Lisboa a quem Deus perdde; passou (ou falleceu) a 30 dias de novembro na era de Cesar de 1362 (anno 1324).

Na parede do lado da Epistola lê-se esta inscripção :

Interpretação :

Em nome de Deus amen Este é o regulamento da capella de Bartholomeu Joannes, concernem a saber : que em a dita capella sempre cantem dezasseis capellães cada dia; doze d'elles. Missas de requiem por alma do fundador, e dois pelas almas d'el rei D. Diniz e da rainha D. Isabel, e um pelo infante e seus filhos legitimos; com o seguinte ajuste e condição : que sejam defensores de qualquer violencia que algum intente commetter sobre a sua capella, e hospital, e bens d'ella; e designou o fundador a cada capellão cincoenta libras (48800 réis de hoje) e mais dois soldos a cada um todos os sabbados pela Missa rezada que hão de dizer n'esses dias a Sancta Maria na dita capella, e mais Salve Rainha cantada. Os capellães hão de ser portuguezes bons e legitimos; se os acharem; se não, tomem outros. Não devem ser despididos, senão no caso de fazerem alguma acção que não devessem fazer. Contém se mais no dito regulamento que todos os dias depois das Missas cheguem os capellães á sepultura de Bartholomeu Joannes com agua benta, e rezem um miserere mei Deus Um dos quatro capellães que elle ordena que cantem por el rei, e pela rainha e seus filhos, cante cada dia, um em honra da Trindade, outro em honra de Sancta Maria, outro em honra de S. Diniz, patrono d'el rei, e o quarto enfim, em honra da Vera cruz, pedindo a Deus, verdadeira Trindade, que por intercessão da Virgem sua mãe, e do glorioso martyr S. Diniz, mantenha e guarde os sobreditos reis, rainha infante e seus filhos em seu serviço, e os guarde sempre e mantenha, e lhes faça sempre fazer justiça, e defenda e ampare a capella e o hospital, e tire a força a qualquer pessoa que pretender exercer violencias sobre a dita capella e hospital, e os bens do instituidor. Convindo muito que esta capella seja visitada annualmente, tanto pelo que respecta aos capellães como a tudo mais, mandou, quiz, e ordenou o instituidor, que o deão do cabido de Lisboa visite a capella uma vez por anno; e se achar que os capellães não fazem boa vida, ou não cumprem com o seu officio como devem, os corrija, e emende como achar de justiça; e se achar em a segunda visitação que se não emendaram, então expulsa os, da capella, e os testamenteiros do fundador que proxejam outros capellães, de accordo com o referido deão, se estiver na terra; e se não estiver, elles que decidam o negocio por si mesmos. Consignou o fundador por este trabalho ao deão meio marco de prata (58700 réis de hoje) annualmente; o qual meio marco, ou seis libras, receberá no dia em fizer a sua visitação; e se por ventura o deão não estiver em Lisboa, será substituido pelo chantre, que receberá a esportula.

O trabalho que me deu esta inscripção é incalculavel. Depois de tentar lê-la na pedra, desisti por causa da pouquissima luz da capella. Voltei outra vez, e tirei um calco; mas o papel era mau, eu estava pouco habil n'esse dia, o calco saiu-me deploravel! Lamentando-me eu ao meu amigo José Gomes Goes, teve ella a extrema bondade de me promptificar a acompanhar-me, com toda a paciencia, e munido de luz e phosphoros, etc. Lá fomos em 12 de junho d'este anno de 85; e quem espreitasse da porta via uma scena de nigromantes: No recinto escuro da capella dois homens: um trepando a uma escada de mão, com uma vela de stearina em punho, examinando a pedra e soltando phrases quasi mintelligiveis em portuguez do seculo XVII; o outro em baixo, attento, escrevendo as phrases que o primeiro lhe dictava. O escrevente era eu. Toda a honra da decifração do pedregulho pertence, pois, ao sr. Goes; eu fui apenas secretário.

Concluirei mencionando a existencia de oito preciosos quadros da escola portugueza (chamada de Grão Vasco) sobre o altar d'esta mesma capella. Representam o martyrio de S. Bartholomeu, e sete outros assumptos do Novo Testamento.

No lado symmetricamente ao quadro de Sapeiro, contempla-se, como agradável compensação, uma tela de alto merecimento: o *Salvator mundi* de Pedro Alexandrino; formosa pagina, que pelos annos de 1778, quando se pintava, produziu a maior sensação no mundo artistico. Tudo mais ficou de parte, diz com energica segurança o bom juiz Cyrillo.<sup>2</sup>

Foi este novo quadro posto ali depois d'esse

<sup>1</sup> Communicação do erudito visconde de Balsemão ao conde de Raczynski, fundada no que se lê n'um manuscrito de Ribeira dos Santos na bibl. nac. — Vide *Les arts en Portugal* pag. 155.

<sup>2</sup> *Memorias*, pag. 121.

anno para substituir outro muito antigo, que o tempo damnificara.<sup>1</sup>

Pedro Alexandrino! um dos nomes primaciaes da arte portugueza; um dos talentos mais vivazes e fecundos da nossa terra. Poucos pintores produziram tanto, e tão bem, como elle. É passmoso o numero das suas obras nas egrejas, capellas, e galerias de Lisboa. Chega a parecer impossivel que uma só palheta gerasse tão crescido numero de trabalhadas invencões, algumas das queres, se não todas, vibrantes do estro e pericia. Atacava de frente as difficuldades, entregava-se á inspiração, improvisava brincando, e enfeixava entre sorrisos ramilhetes de boninas. Prima este auctor sobretudo pela graça corrente e espontanea com que sabe imaginar, agrupar, e colorir. O seu amaneirado é encantador, e essencialmente elegante. Resgata com taes predicados as imperfeições que se possam notar na sua exuberancia resoluta de pintar de pratica, segundo dizem os antigos.

Creio que se Pedro Alexandrino de Carvalho tivesse encontrado nos governos do seu tempo a intelligente e sagaz protecção, que só por si basta muita vez para rebentar caudales do seio das rochas mais duras, se o seu ingenho indomito e fegoso tivesse conhecido meditação aturada, e se, mandado correr os museus da Europa, se tivesse fecundado n'um ambiente mais propicio do que era Portugal para empresas artisticas, haveria subido a alturas incomensuraveis, e seria hoje brazão europeu. E ainda assim... é um gigante Conhece-se n'elle um filho de Raphael d'Urbino; um peninsular entusiasta, um compositor de primeira ordem. Por desgraça d'elle, e vergonha da sua terra, foi um empreiteiro, um *faiseur*, mas a trasbordar de genio.

Em toda a parte, repito, se encontram as suas obras, desde os oratorios particulares até ás cathedraes. Prompto sempre, sempre facil, espontaneo sempre, sempre na brecha.

Bastaria só por si este quadro que admiramos para lhe segurar a reputação. Tambem, vê-se que lhe queria muito; assignou-o (o que nem sempre costumava).

(Continúa).

Julio de Castilho.

## NECROLOGIA

### FREDERICO AUGUSTO DE CAMPOS

Frederico Augusto de Campos, um dos nossos gravadores mais notaveis, na sua especialidade de gravador dos cunhos para as moedas portuguezas, era um artista distincto e tão conceituado que em innumeradas exposições todos os seus trabalhos, isto é, as moedas portuguezas do reinado de D. Luiz I e algumas do reinado de D. Pedro V mereceram altas recompensas.

Com as gravuras de uma d'estas ultimas moedas, a de 10.000 réis deu-se um caso verdadeiramente singular e que mostrou bem o valor artistico do extinto gravador.

Faltando essa moeda de 10.000 réis na collecção das de D. Pedro V que se havia acondicionado na Casa da Moeda para enviar á exposição universal de Londres em 1857, aconteceu que Fradesso da Silveira, esse incansavel trabalhador, altamente empenhado no bom nome portuguez não só n'aquella como em todas as exposições, quorendo enviar a collecção legal das sobreditas moedas, foi pedir ao director dois exemplares d'ella no que se lhe deu a resposta de que não se lhe podiam apresentar, por se não haver cunhado tal moeda.

Não accetando Fradesso da Silveira aquella resposta como cathogorica, e tendo sido companheiro de estudos de A. Campos, dirigiu-se logo a este pedindo-lhe esclarecimentos.

E occasião de dizer aqui, aos nossos leitores, que o merito d'esto artista foi sempre muito abocunhado; chegando-se a ponto de se mandar vir de fóra um gravador chamado Wiener, inculcado como muito superior a F. A. de Campos, e escandalosamente protegido. Invidaram-se todos os esforços para depreciar o artista portuguez em proveito do estrangeiro. Mas o tempo e as obras se encarregaram de mostrar a verdade.

Em concursos officiaes F. A. Campos sempre se salientou pelo seu talento, merecendo menção o que se abriu entre nacionaes e estrangeiros para a gravura da moeda de 500 réis do reinado de D. Luiz I.

<sup>1</sup> Questos e respostas acerca da sé de Lisboa, no codice mss. da bibl. nac. de Lisboa, intitulado *Memoria para a historia ecclesiastica de Portugal*, A—4—3, ff. 39.

<sup>1</sup> Cyrillo V. Machado, *Memorias*, pag. 86.



FREDERICO AUGUSTO DE CAMPOS

FALLECIDO EM 10 DE JULHO DE 1895

Todavia, mil intrigas de invejosos fizeram sempre com que o notavel artista nunca fosse animado.

Era assim, descrente e justamente despeitado que Fradesso da Silveira devia encontrar F. A. Campos. Dirigindo-se ao illustrador, Fradesso da Silveira, teve por resposta a apresentação dos cunhos da grande moeda e a offerta de uma prova antedissima de cada um d'elles, em fino gesso.

F. A. Campos havia gravado o punção de retrato e as duas matrizes ou cunhos originaes do retrato e das armas, as quaes Campos guardava por não lhe terem sido adquiridas pela Casa da Moeda.

Fradesso da Silveira ao ver aquelle magnifico trabalho e inteirado do que se passava, não se poudo ter que dissesse maravilhado:

— Deixa estar que não hão de zombar comigo nem contigo, vou já pôr-lhe as unhas em piza.

Momentos depois partia satisfeittissimo a mostrar ao ministro das obras publicas as provas sobreditas.

O erudito e mimoso poeta sr. Ramos-Coelho inspirando-se no triumpho obtido por Campos contra Wiener no campo da arte, escreveu então a patriótica poesia que n'outro logar publicamos, que conservou inédita e até desconhecida do distincto gravador portuguez.

Logo se deram ordens terminantes, bastante asperas, e a moeda de 10,000 réis, com a effigie do chorado rei D. Pedro V, foi emhada; e apresentada successivamente em varias exposições rendeu ao seu auctor as innumerables e altas distincções a que adiante nos referiremos.

Abrimos este parenthesis na pequena biographia que esboçamos para tambem fazermos a historia d'aquella moeda. Decerto que os numismatas n'lo agradecerão.

Bem ividenciado por este facto o valor artistico do distincto gravador, acrescentaremos simplesmente as seguintes notas biographicas:

Frederico Augusto de Campos era filho José Pedro de Campos, nascera em 1814, n'esta cidade de Lisboa onde falleceu com 81 annos de idade, em 29 de julho de 1895.

Caracter modesto e honesto, bastante estudioso, pois que sendo já 3.º gravador na Moeda, frequentou por 1833 a Academia de Bellas-Artes, e desajando-se illustrar e instruir, matriculou-se em 1836 na Escola Polytechnica e alli frequentou com notavel aproveitamento mathematica, physica e chimica.

Gravador talentoso, trabalhou especialmente em moedas, fez em marmore o retrato de Camões em alto-relevo. A sua obra que sempre mais querida lhe foi, era uma medalhinha modelada em cêra com o retrato de el-rei D. Pedro V e tambem a do rei da Baviera, e que na verdade são duas obras primas.

Entre as muitas recompensas que recebem pelos seus trabalhos, enviados pelo governo ás diversas exposições, como ás de Londres, Paris, Hespanha, Philadelphia, Brazil, a mais recente foi a medalha de ouro alcançada em Paris, em 1889.

Um anno antes apresentára na nossa exposição d'Avenida os mesmos trabalhos e o jury nem sequer deu por elles! Ninguem é propheta na sua terra, é bem verdade.

Desde 1830 que era empregado na Casa da Moeda onde começara por simples praticante chegando pelo seu aturado trabalho, proficuo estudo e natural talento até 1.º gravador estando aposentado ha alguns annos.

Em 1833 assentou praça e serviu no exercito libertador e mais tarde fez todos os estudos que indicamos. E trabalho seu o cunho das actuaes estampilhas do imposto do sello para o continente, ilhas adjacentes, e ultramar.

Trabalhando sempre até avançada idade algumas distincções honorificas obteve. Assim, foi condecorado com o grau de official da ordem de S. Thiego por serviços artisticos, em 1884.

Em 25 de setembro de 1881, D. Affonso XII de Hespanha agraciára-o nomeando-o cavalleiro da ordem de Izabel a Catholica.

Foi, pois, um notavel artista no seu genero e um illustre portuguez que se perdeu.



LUCAS EVANGELISTA TORRES

FALLECIDO EM 4 DE AGOSTO DE 1895

Era o decano dos typographos portuguezes. Lucas Evangelista Torres foi um prestimoso propagandista que muito honrou a sua nobilissima profissão de typographo.

Começando a exercer a sua industria, em epochas de bem triste memoria para nós, bastantes vezes foi victima das perseguções civis, que a elle, como liberal convicto que era, lhe moviam os inimigos da Liberdade. Quantas vezes a sua typographia foi assaltada por emissarios do governo, quantas vezes destruida.

É verdade que os inimigos tinham razão: d'alli sabiam os mais vibrantes brados de liberdade, d'alli, impressos em segredo nos prelos manuaes por Lucas Torres, sahiam alguns jornaes e pamphletos que muito contribuíram para a propaganda liberal.

Todavia escondido ora qui, ora acolá lá ia imprimindo os vibrantes originaes de Antonio Rodrigues Sampaio, para o *Espectro*; os originaes biliosos e chocarceiros do padre João Candido de Carvalho, esse celebre jornalista satyrico e vorrinoso do *Cortador*, do *Azorrague*, do *Democrata*, o redactor do *Rabecão* de impagavel memoria.

Proseguindo n'esta sua arte que tantas incertezas e desgostos lhe proporcionava no meio da falta de segurança que caracteriza as lutas civis, Lucas Torres, que já estudara para medico, foi illus-

trando o seu espirito por varias leituras e pelo convívio com os principaes homens de letras.

D'ahi o tornar-se um escriptor a quem não faltavam primores de estylo nem erudição de conhecimentos de variada natureza.

E assim que o vemos nos ultimos vinte e cinco annos, tendo-se já avantajado ás largas emprezas editoriaes, editar a *Educação Popular* collecção de desasseis volumes sob a direcção de Pinheiro Chagas; a *Encyclopedia das Familias* que já hoje conta mais de cem volumes com notavel applauso e lisongeira acceitação do publico; a *Biblioteca Universal* collecção de quarenta volumes sob a protecção do grande Visconde de Castilho, e na qual collaboram os mais notaveis escriptores.

E' na *Encyclopedia* que Lucas Torres escreveu mais e ali se prova o que deixamos dito. Em outras publicações taes como os periodicos a *Federação* e o *Artista* tambem collaborou notavelmente.

Das suas aptidões, escriptor e editor, resultou o bom exito de muitas emprezas d'esse genero.

Caracter exemplar, repartia sabiamente o seu tempo pelos seus multiplices encargos e trabalhos de administração da sua importante casa. N'ella educou na vida pratica do trabalho, n'um certo meio litterario—artístico seus filhos hoje seus successores os bem conceituados editores, João Romano Torres, cujo caracter diamantino tranzuz o espirito e educação de seu pae, e Manuel e Fernando Torres, habeis typographos.

O venerando ancião e hourado trabalhador que a morte arrebatou ao anoitecer do dia 4 de Agosto do presente anno, contava 72 annos de idade pois que nasceu em 1822 a 18 de outubro. Filho de um convicto liberal, Manuel de Jesus voluntario das tropas de D. Pedro, onde chegou ao posto de capitão, o nosso biographado tinha o nome de Lucas Evangelista da Rocha Torres de Jesus, e quando seu pae falleceu, andava estudando para medico, tão adiantado que já ia no 1.º anno de hospital, porém essa morte não lhe deixou continuar os estudos. Todavia, ha indies de que seu pae era riquissimo, negociava em larga escala em vinhos, tinha grandes armazens lá para a rua dos Bacalhociros, junto da celebre *Casa dos bicos* mas tendo um socio que por não haver nem escriptura nem outras maiores provas que podessem valer nas epochas calamitosas de luctas civis que atravessava a nossa patria, Lucas Torres viu-se esbullado da herança paterna.

Assim, muito novo, orphão e pobre foi para a typographia de um seu parente e ali aprendeu tão sublime arte, á qual fez progredir e se engrandecer no honroso mister de editor illustrado e consciencioso, adquirindo justa fama entre os da sua classe e contando innumerables amigos. Era um caracter lhano e affavel, a que idade dava um modo paternal e bom que fez com que a sua morte se tornasse bastante pranteada por seus amigos e collegas.

Lograr deixar sómente bem saudosas recordações no fim da sua longa e trabalhosa vida, entre aquelles que com elle conviveram, é a expressão mais eloquente da grandeza do seu espirito e coração.

Por isso bastante sentida foi a sua morte, sentimento a que sinceramente nos associamos.

Paz á alma de tão venerando trabalhador!

### Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.  
Preço da capa e encadernação 1.200 réis.

### Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

### Almanach illustrado do «OCCIDENTE» para 1895

Está no prelo este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras. Recebem-se annuncios, charadas etc. para este almanach até o dia 30 do corrente.

### Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sauches Rua Nova do Loureiro, 25 a 37